

A imigração boliviana em S. Paulo: experiências de um pentecostalismo específico como aglutinador de identidades e sociabilidades

The bolivian immigration in São Paulo: experiences of a specific Pentecostalism
as a agglutinator of identities and sociabilities

*Márcia M. Cabreira M. de Souza**

*Silas Guerriero***

Resumo

Os fluxos migratórios de bolivianos ao Brasil remontam várias décadas, assumindo em cada uma delas aspectos diversos. Tais processos migratórios implicam sempre na mobilidade de pessoas e também de crenças e costumes. O mesmo se dá com a imigração boliviana para a cidade de São Paulo. O presente artigo procura analisar alguns aspectos religiosos da população boliviana em São Paulo a partir da vivência pentecostal de adeptos das igrejas Assembleias de Deus. O trabalho de campo da pesquisa levantou dados de alguns bairros com grande concentração de imigrantes que vivem de forma ilegal no Brasil. A construção de identidade específica, em contraste à da população paulistana em geral e dos demais bolivianos da cidade, foi um dos focos desse trabalho. Procuramos perceber como a vivência pentecostal em igrejas especializadas, formada e constituída especificamente por bolivianos, marca um modo diverso de ser boliviano em São Paulo, além de constituir elos de contato com os adeptos das Assembleias de Deus no país de origem. Através da igreja, muitos bolivianos estabelecem redes de troca e amparo com amigos e familiares na Bolívia. Isso demonstra que há diferentes maneiras de ser boliviano em terras distantes e que a globalização da religião passa por canais muitas vezes distantes dos institucionais e usuais.

Palavras-chave: Migração e religião. Bolivianos no Brasil. Pentecostalismo.

Abstract

The migration of Bolivians in Brazil date back several decades, assuming in each of them different aspects. Such migration processes always involve the mobility of people and also of beliefs and customs. The same happens with the Bolivian immigration to the city of São Paulo. This paper analyzes some religious aspects of the Bolivian population in São Paulo from the Pentecostal experience of believers in the Assembly of God Church. The fieldwork for the survey gathered data from some neighborhoods with high concentrations of immigrants living illegally in Brazil. The construction of specific identity was one of the goals of this work. We seek to understand how the Pentecostal experience in specialized churches, formed specifically by Bolivians, marks a different way of being Bolivian in Sao Paulo, besides constituting links with the followers of the Assembly of God in the country of origin. Through the church, many Bolivians establish networks of exchange and support with family and friends in Bolivia. This demonstrates that there

* Doutora em Geografia. Professora do Departamento de Geografia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora colaboradora da IWGIA - International Workers of Indigenous Affairs. E-mail: mmcabreira@uol.com.br

** Doutor em Antropologia. Professor associado do Departamento de Ciência da Religião e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: silasg@pucsp.br

are different ways to be Bolivian in distant lands, and that the globalization of religion goes through channels often distant from institutional and usual.

Keywords: Migration and religion. Bolivians in Brazil. Pentecostalism.

Introdução

Os processos migratórios implicam sempre não apenas na mobilidade de pessoas, mas também de crenças e costumes. Tal não poderia ser diferente com a imigração boliviana para a cidade de São Paulo.

As migrações estão relacionadas a diversos aspectos sociais. Além de contribuírem para a diversificação da composição étnica e cultural da sociedade que acolhe, acabam por alterar o próprio sentido de identidade dessa mesma sociedade. Temas como trabalho, desenvolvimento econômico, urbanização, saúde entre outros são atravessados por questões de etnicidade e religiosidade. O papel dessa última não é pequeno. Olharemos inicialmente para a configuração de uma religiosidade pentecostal entre os imigrantes bolivianos e depois procuraremos analisar qualitativamente o papel dessa forma de crença como maneira de aglutinar identidades e sociabilidades

Este texto busca analisar alguns aspectos dessa população a partir da vivência religiosa pentecostal de adeptos das igrejas Assembleias de Deus. O trabalho de campo¹ da pesquisa concentrou-se nos bairros do Brás, Bom Retiro, Pari, Vila Guilherme e Vila Maria, mas utilizaremos aqui particularmente os dados obtidos junto à população boliviana do bairro de Vila Maria e frequentadora de uma igreja da Assembleia de Deus ali localizada. A construção de identidade específica, contrastante à da população paulistana em geral e dos demais bolivianos da cidade, foi um dos focos desse trabalho. Diferentemente das leituras mais costumeiras sobre essa população, que elegem as festas e ressignificações culturais em torno do espaço da Praça Kantuta², o trabalho elegeu uma territorialidade pouco visível e conseqüentemente pouco estudada e analisada. Procuraremos perceber como a vivência pentecostal em igrejas especializadas, formada e constituída especificamente por bolivianos, marca um modo diverso de ser boliviano em São Paulo. Isso demonstra que há diferentes maneiras de ser boliviano em terras distantes e que muito do que se aponta

como tradicional, seja nas expressões culturais como também nas práticas sociais, é apenas uma maneira de se olhar o fenômeno. No entanto, a realidade é bem mais rica, e diversa, do que aquela que estamos acostumados a olhar. Esse é o caso dos bolivianos assembleianos da Vila Maria.

1. Os bolivianos no Brasil

Os primeiros fluxos migratórios de bolivianos ao Brasil remontam aos anos 1950, quando teve início o programa de intercâmbio cultural firmado entre Brasil e Bolívia, através do qual alguns estudantes vieram em busca de qualificação acadêmica não existente em seu país de origem. Vale ressaltar que muitos desses primeiros imigrantes jamais retornaram a seu país de origem, permanecendo em São Paulo, uma vez que aqui encontraram várias possibilidades de emprego (Silva, 2006, p. 159). Esse perfil inicial do imigrante boliviano que vinha para o Brasil começou a se modificar nos anos de 1970, ganhando relevância e destaque na cidade de São Paulo a partir da década seguinte. Os anos de 1990 marcam um novo momento para esse fluxo migratório. O número de imigrantes começa a crescer, chegando inclusive a interferir no volume de bolivianos que se dirigiam anteriormente à Argentina. Vale ressaltar que este país sempre foi o primeiro destino migratório na América do Sul, superando o Brasil.

A migração boliviana atual guarda características bastante distintas daquela iniciada no meio do século passado. Não são apenas pessoas atraídas pela possibilidade de uma formação educacional ou mesmo de uma ocupação qualificada, fenômeno mais relacionado às camadas médias superiores, mas atinge a camada mais pauperizada e menos qualificada da população boliviana. Deve ser compreendida dentro do quadro das denominadas “migrações laborais”, nas quais uma mão-de-obra de baixa qualificação é direcionada para trabalhar principalmente em oficinas de costura da capital paulista e em péssimas condições sociais. Podemos destacar aqui a questão dos baixos salários, da péssima qualidade da moradia e da má alimentação dentre outros fatores. O regime de trabalho foge dos padrões das leis trabalhistas brasileiras e é marcado por uma ampla rotatividade e precariedade. O perfil desses imigrantes apresenta as seguintes características: são em sua maioria jovens de ambos os sexos, solteiros e veem atraídos pelas ofertas de bons empregos e salários feitas por

coreanos, bolivianos e mesmo por brasileiros que já trabalham na indústria da confecção. Nota-se que aqui funciona de maneira destacada uma rede social e familiar, uma vez que os já estabelecidos por aqui acabam atraindo seus amigos e parentes que passam dificuldades na Bolívia e veem nessas ofertas uma boa oportunidade de atuação.

Estima-se que existam hoje vivendo em São Paulo, quase 300 mil bolivianos entre documentados e não documentados³. Esse número não combina com as informações oficiais, sendo muito difícil, portanto, estimar a dimensão correta dessa população. De toda forma, trata-se de um contingente bastante expressivo e que muitas vezes não tem a visibilidade devida (Cymbalista, Xavier, 2007, p. 122). A comunidade boliviana em São Paulo passa quase que despercebida pelo poder público e alguns setores da vida social, pois não há política pública destinada a este segmento social. O maior desafio para precisar esses valores diz respeito ao grande número de indocumentados que saem da Bolívia e vem para o Brasil. O que podemos apontar com certa precisão, em função dos levantamentos feitos junto ao consulado Geral da Bolívia em São Paulo, à Polícia Federal e à Pastoral do Migrante, é que a cidade de São Paulo é o maior centro receptor dessa migração no Brasil.

As primeiras levas de migrantes concentraram-se nas áreas centrais da cidade, principalmente nos bairros do Brás, Bom Retiro, Pari e no que convencionalmente é chamado de Centro Velho. Essa escolha se deveu em boa medida pelo fato dessas áreas da cidade concentrarem boa parte das atividades comerciais e terem locais baratos para habitação. Hoje esse quadro se mostra diferente. Eles estão distribuídos por praticamente toda a Grande São Paulo, com maior expressividade no eixo composto pelas Zonas Central-Norte e Leste.

O fenômeno da imigração boliviana, processo e produto social, se territorializa. Esse processo pode ser percebido através das marcas deixadas pelo grupo na paisagem de alguns bairros da cidade. A essa dimensão material do território corresponde uma dimensão simbólica. Por território estamos entendendo muito mais do que um espaço físico. Trata-se de um espaço de relações de poder, inclusive simbólico, que permite pensar as formas de dominação das relações sociais que ali se desenvolvem (Santos, 1996). Assim, podemos perceber as paisagens, enquanto forma de configuração territorial associadas ao imaginário coletivo que elabora e define as mais variadas

concepções e vivências. É nesse sentido que vamos procurar compreender as vivências pentecostais dos bolivianos no bairro da Vila Maria.

2. A identidade boliviana em São Paulo

A presença de grande número de bolivianos após os anos 1980 no território paulista ganhou um novo significado na construção de uma territorialidade que procurou manter traços de sua cultura. Algumas paisagens da capital paulista começaram a sofrer modificações a partir das marcas impostas por esse crescente grupo social. O comum é identificar a Praça Kantuta como marca territorial boliviana da cidade de São Paulo. Porém, é necessário questionar o tipo de vivência e reconhecimento identitário que ali ocorre. Da mesma forma que ocorre em outros territórios identificados com grupos étnicos específicos, como a Praça da Liberdade para os de origem oriental e o Largo 13 de Maio para os nordestinos, nem todos os bolivianos que imigraram para o Brasil se reconheçam nessa nova territorialidade. Na verdade a identidade e afetividade pelo lugar ressignificam os laços imaginários com a sua terra natal. Assim, a praça vira um centro de significado para um determinado grupo, e com certeza uma territorialização que extrapola os limites concretos, mesmo tendo uma base material. Porém, há outros bolivianos em São Paulo que não pensam da mesma maneira. É o caso dos adeptos do pentecostalismo, que veem na praça muito mais um lugar de folclore e de culto idolátrico, visto que há neste local um predomínio de festas devocionais populares com vivências católicas e homenagens à virgem de Copacabana, padroeira da nação boliviana e cuja imagem foi trazida a São Paulo por missionários bolivianos em 1994 (Silva, 2003, p. 87).

A visão apenas descritiva de lugares na formação de um território não abrange todo entendimento sobre a identidade, pois a formação de uma territorialidade implica na constituição de várias identidades dentro de uma mesma área. No caso, dois processos sociais básicos ocorrem simultaneamente, um pelo sentido de pertencimento ao lugar e o outro de exclusão do lugar, constituindo um discurso conservador e outro de tolerância às diferenças. Simbolicamente, operam mecanismos que definem a classificação de práticas e costumes como sendo barreiras ou filtros de inclusão e exclusão, e estruturam uma hierarquia de condições de oportunidades em relação ao pertencimento a

uma dada cultura local. Na tentativa de preservação de uma identidade boliviana em São Paulo, formaram-se consciências individuais e coletivas, representações e interpretações na construção de uma identidade apresentada como resposta às questões que servem para dar sentido e valor ao grupo. De uma forma mais descritiva, toda identidade se define por um conteúdo compreendido em termos de caracteres referenciais, percebidos a partir de perspectivas diferentes, e que podem incluir igualmente aspectos de ordem física ou psíquica, material ou intelectual. Assim, a identidade se exprime e se comunica de maneira interna e externa, através de práticas simbólicas e discursivas (Bossé, 2004). Nesse sentido, podemos dizer que os bolivianos pentecostais de Vila Maria se opõem a uma visão tradicional representada pelos imigrantes que frequentam a Praça Kantuta, em sua maioria católicos.

3. Entre catolicismos e pentecostalismos

Como dito anteriormente, as migrações carregam consigo crenças e costumes. A população boliviana que começou a chegar a São Paulo em maior número a partir dos anos 1980 trouxe uma experiência de vida de um catolicismo popular e devocional. Porém, na Bolívia também houve uma significativa mudança no perfil religioso, tal qual no Brasil e em outros países latino-americanos. O catolicismo começou a perder terreno para o pentecostalismo. De acordo com Rivière (2007), a partir de 1990 houve uma expansão do pentecostalismo na Bolívia, transformando o cenário religioso daquele país. Após inúmeros momentos de crise, houve um enfraquecimento das instâncias socioeconômicas e políticas de coesão, inclusive com o enfraquecimento da Igreja Católica. As Assembleias de Deus já estava presente na Bolívia desde 1946, mas com pouca expressão no cenário social. A partir do aumento do fluxo migratório interno, com grande movimento populacional das vilas camponesas para as cidades, houve um acréscimo do número de igrejas evangélicas, principalmente nos bairros periféricos de cidades grandes como La Paz e Santa Cruz de La Sierra. Segundo Rivière, o pentecostalismo permitia, naquele momento, agregar uma identidade, um reconhecimento social e um status que dificilmente poderia ser obtido de outra maneira. A conversão ao pentecostalismo permitiu a vários desses migrantes participar, inclusive, de uma certa mobilidade social, ao menos através de cargos internos às diferentes

igrejas. Essa mobilidade e reconhecimento se davam de maneira mais evidente entre os convertidos ao pentecostalismo do que aos que permaneceram católicos.

Segundo Melton e Holland (2009), 16% da população boliviana, de mais de nove milhões de pessoas, são pentecostais e as Assembleias de Deus formam o maior contingente evangélico daquele país, tendo tido um crescimento vertiginoso entre os anos 1990 e 2000, quando atingiu praticamente a marca de cinquenta mil adeptos. Se nas primeiras imigrações ao Brasil esses bolivianos eram em sua maioria católicos, hoje podemos dizer que muitos já chegam aqui convertidos ao pentecostalismo. Há, é certo, aqueles que se convertem aqui, mas o contingente daqueles que vêm já adeptos do pentecostalismo é significativo. Tal fato é merecedor de destaque principalmente pela rede de solidariedade existente desde seu lugar de origem e que permanece por aqui. Essa rede é responsável não apenas pela vinda, através da ajuda financeira para a viagem, mas pela permanência e construção de outros laços societários entre esses agentes em seu novo território. Para esses evangélicos pentecostais, a rede existente em torno dos bolivianos da Praça Kantuta não fazia o menor sentido e outras precisariam ser tecidas dentro de um novo quadro de significações.

Segundo Silva (2006), as festas devocionais à Nossa Senhora de Copacabana começaram em residências particulares, e a participação da Igreja se dava desde os anos 1980 através da ida do padre da Pastoral do Migrante como convidado para officiar as missas. A imigração é bem anterior, mas a organização em festas maiores se deu em momento muito mais recente. Ora, a religiosidade não deixou de ser vivenciada neste hiato, mas não o fez de maneira organizada, externamente. No entanto, a partir de meados da década de 1990, as festas começaram a ser realizadas nas dependências da Igreja Nossa Senhora da Paz, no bairro do Glicério, onde funciona também a referida pastoral. Essa passagem marcou uma nova etapa na vida desses imigrantes. A realização das festas no espaço eclesial significou, também, o estabelecimento de regras e o controle por parte da Igreja. Silva comenta que entre outras condições estava a exigência dos festeiros estarem em dia com o sacramento do matrimônio e a necessidade de participação das atividades da pastoral. Uma festa que tinha o caráter eminentemente popular passou, então, para um controle institucional. Talvez o elemento que mais tenha gerado conflito foi o de escolha do *presterio*, ou seja, daquele festeiro responsável pela festa de louvação à virgem. Esse passante tem um papel importante no meio popular e seu controle por parte da Igreja

significou a ruptura com os modos tradicionais, inclusive de compadrio, então existentes.

Essa institucionalização significou uma visibilidade dessa população então jamais vista antes. Passaram a fazer parte da paisagem da cidade, pois as festas ganharam um ar de oficialidade. Esse movimento pode ser percebido linearmente através da própria institucionalização da feira da Praça Kantuta, que resultou na nova nomenclatura da mesma, até chegar aos dias atuais, em que o espaço da Igreja da Paz não comporta mais o número de participantes e a festa é realizada no Memorial da América Latina. Não é difícil perceber o quanto essa festa ganhou em termos de visibilidade, fazendo parte das atividades oficiais da cidade, mas perdeu em seu valor popular e na capacidade de aglutinação de práticas e saberes produzidos pelos próprios agentes. Hoje é muito mais uma festa folclórica, assim como também o é a feira dominical na Praça Kantuta. Embora tenha seu valor como ponto de referência da população boliviana em São Paulo, e sirva como local de trocas, simbólicas e comerciais, a feira da Praça Kantuta e as grandes festas da padroeira não atraem uma grande parcela dessa gente.

A ação da Pastoral do Migrante e da Igreja Nossa Senhora da Paz não ficou restrita apenas à realização das festas. É reconhecido o trabalho que realizam em termos de apoio jurídico e acolhimento aos imigrantes, não apenas a bolivianos. Os serviços de assessoria jurídica, como pedidos de documentação e problemas trabalhistas são os mais requisitados. Forma-se em torno dela um dos poucos apoios institucionais que essa população carente dispõe. No entanto, os bolivianos pentecostais acabam ficando à margem dessa rede.

As igrejas pentecostais souberam explorar essa lacuna. Embora de maneira mais dispersa e nem tanto visível, constituem também redes de serviços e de solidariedade. No entanto, as igrejas então estabelecidas em São Paulo não tinham tanto poder de atração junto aos imigrantes. A maioria deles, especialmente os recém chegados, nem fala espanhol, pois vivendo em guetos étnicos desde a Bolívia, chegam por aqui falando apenas suas línguas tradicionais, principalmente Quéchuá ou Aimara. As grandes igrejas evangélicas não tinham serviços especializados para eles, mas aos poucos começaram a surgir cultos específicos em horários definidos dentro de alguns templos dos bairros ocupados por esses bolivianos. A vinda de imigrantes que já ocupavam algum cargo no interior dessas igrejas lá na Bolívia, principalmente entre as

Assembleias de Deus e a Igreja Batista, também ajudou a impulsionar a formação de igrejas que poderíamos denominar de étnicas. Muitas delas ensaiaram, algumas com sucesso maior, outras nem tanto, montar serviços de apoio, principalmente jurídico para seus adeptos, mas percebemos que isso requer uma estrutura um pouco mais ampla. No entanto, somente o fato de constituir um apoio e de fomentar a constituição de redes de solidariedade já faz dessas igrejas um importante ponto de referência.

Essas igrejas se constituem e se consolidam não por atuarem junto a uma população passiva de indivíduos vulneráveis, mas principalmente por responderem a anseios muito específicos não cobertos por outros serviços religiosos ou mesmo civis.

A recente lei do Estado brasileiro, de 2009, conhecida como lei da anistia aos estrangeiros, assegurou a esses todos os direitos conferidos aos brasileiros, exceto os privativos. Essa lei garante a concessão de residência provisória por dois anos no país. Depois disso, o imigrante deve solicitar a sua residência permanente. As igrejas tiveram importante papel enquanto canal de acesso aos procedimentos necessários para um procedimento, como junta de documentos, declarações e preenchimento de formulários eletrônicos, que se assim não fosse teria deixado de fora inúmeros bolivianos indocumentados.

Na pesquisa foi constatado que há, entre os imigrantes bolivianos da Vila Maria, uma incidência maior de igrejas como as Assembleias de Deus, a Congregação Cristã no Brasil, os Testemunha de Jeová e a Igreja Batista. A presença de bolivianos na Vila Maria se deu em momentos mais recentes dessa imigração. Os bairros mais tradicionais dessa população, como Bom Retiro, Brás e Pari, apresentam uma maior variedade dessas igrejas, inclusive com a presença de neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus.

Nossa pesquisa centrou seu foco na comunidade pentecostal boliviana de uma igreja Assembleia de Deus. Nesta há uma organização hierarquizada e permanente. O pastor conta com o auxílio de outros dois conselheiros. O trabalho da igreja está dividido em setores e cada qual tem seu responsável. A cozinha, onde são feitas comidas típicas bolivianas e que são vendidas após os cultos e a limpeza ficam a cargo de famílias que se revezam a cada semana.

A praça Kantuta e outros locais de festas tradicionais são vistos por estes imigrantes evangélicos como sendo um local impróprio, principalmente pelo

consumo de bebidas alcoólicas. É comum irem a esses locais para realizar o que denominam de “Cruzadas”, quando buscam angariar novos adeptos fazendo uma pregação e distribuindo trechos bíblicos em espanhol.

Como contraponto, podemos ver a Igreja Batista localizada no Jardim Brasil, uma localidade bastante carente da Zona Norte. Diferentemente de outras, essa Igreja Batista não é direcionada somente ao público boliviano, tendo cultos em espanhol apenas em horários determinados no meio de uma programação mais ampla e aberta à população em geral. Porém, a Igreja conta com uma rede de solidariedade muito intensa. Essas redes parecem estar mais bem articuladas dentro da Igreja Batista do que nas Assembleias de Deus. Como nos moldes da Pastoral do Migrante e em certos aspectos imitando a comercialização da Praça Kantuta, seus integrantes estabeleceram aos domingos uma pequena feira no terreno de um estacionamento, que procura servir como ponto de encontro, oferecendo barracas de comida, de roupas, brinquedos e outras diversões, além de contarem com um advogado para resolver casos de documentação e/ou trabalhistas.

Nesses espaços, tanto da Igreja Assembleia de Deus pesquisada, como nesse da Batista, as atividades desenvolvidas são essencialmente importantes para a reconstrução da rede social desses imigrantes no Brasil. Redes de trabalho, de moradia, entre outras, são também estabelecidas, sendo comum um fiel indicar a outro uma vaga numa oficina ou um lugar para morar. Há, também, a organização e oferta de cursos profissionalizantes, notadamente de costura, que servem para capacitar os recém chegados.

As igrejas servem, também, como principal acesso ao lazer para essa população. Além dos cultos e grupos de reza, a igreja Assembleia de Deus frequentada pelos bolivianos promove atividades como coral, grupos de dança e ensaios de uma banda de jovens. Além disso, o espaço da igreja é também espaço para as festas, apresentações teatrais e jantares típicos onde se reúne a comunidade. Através dela também são organizados passeios externos a sítios, praias e parques. Os imigrantes bolivianos trabalham essencialmente em oficinas de costura, praticamente de sol a sol e têm somente aos sábado após o meio-dia e aos domingos para descansar. É nesses momentos que se dedicam à religião e ao lazer. Isso significa dizer que, para a maioria deles, as únicas atividades exercidas além do trabalho estão reunidas em torno da igreja.

A inserção de imigrantes num novo contexto sociocultural é sempre um processo lento e marcado por tensões. A rede de apoio das igrejas auxilia nesse processo, mesmo porque o serviço que recebem das autoridades públicas é praticamente nulo.

As igrejas evangélicas pentecostais de bolivianos seguem praticamente os moldes das demais igrejas especializadas que começaram a crescer em grande número na última década. Os segmentos sociais específicos tinham anteriormente, em termos religiosos, a característica de formação de seitas, onde a ruptura com o padrão dominante na sociedade era evidente. De uns anos para cá, igrejas tradicionais, anteriormente voltadas ao público amplo, como é o caso das igrejas cristãs, começaram a oferecer serviços especializados. Esse movimento não é oriundo da hierarquia eclesial, mas acontece a partir da crescente autonomia que os indivíduos estão adquirindo na sociedade atual. É cada vez mais comum vermos adeptos das grandes religiões cristãs, inclusive da Igreja Católica, rogando a prerrogativa de viver uma religião ao seu próprio estilo. No caso evangélico pentecostal esse fenômeno é mais evidente. Encontramos pela cidade de São Paulo inúmeras igrejas voltadas exclusivamente a setores sociais bem definidos, como é o caso de igrejas para prostitutas, para surfistas, para lutadores de judô, entre outras. Essas igrejas acabam ganhando autonomia frente às suas instituições originais. No caso católico, pela própria característica da instituição, essa autonomia é relativa e duramente batalhada. No entanto, surgem a cada dia novos grupos, principalmente ligados à esfera pentecostal católica, que estão voltados a públicos específicos. É o caso das então denominadas novas comunidades católicas (Carranza; Mariz; Camurça, 2009). Formam-se grupos, no interior da própria Igreja Católica, voltados a públicos específicos, como é o caso, por exemplo, das baladas de rock para jovens denominadas de cristoteca.

O caso boliviano, a vivência católica está muito atrelada, ainda, à Pastoral do Migrante e às ações da Igreja Nossa Senhora da Paz. Porém, no caso evangélico, surge cada vez com maior profusão, igrejas voltadas unicamente a esse público. Embora na pesquisa tivéssemos tido a notícia do caso de uma igreja absolutamente independente, mas que aparentemente tinha fechado suas portas ou mudado de endereço, a maioria das igrejas pentecostais de bolivianos está atrelada às suas matrizes originais. Esse é o caso das Assembleias de Deus do bairro frequentadas por bolivianos, Da Igreja Batista, da Congregação Cristã,

dos Testemunhas de Jeová, entre outros. O importante é perceber que na maioria desses casos, o estabelecimento dessas igrejas se deu a partir de mobilização dos próprios bolivianos. Em grande parte os próprios pastores são também bolivianos, pois do contrário os fiéis não se sentiriam tão confiantes em frequentar essas igrejas. Percebemos um esforço, dentro da Assembleia de Deus pesquisada, para que o pastor permanecesse dentro das origens andinas. A morte recente de um pastor que tinha grande carisma e reconhecimento entre eles, fez com que a sua sucessão se desse através de seu próprio filho, único boliviano com conhecimento possível no momento para atuar como pastor. A ida de um pastor brasileiro enviado pela Igreja não foi acatada pelos fiéis.

Essa busca de uma especialização espelha, de um lado, a diversificação do campo religioso dentro de uma sociedade multicultural. Porém, no caso retratado podemos perceber, também, a representatividade e o reconhecimento étnico que o pastor de origem boliviana pode representar para toda a comunidade. A situação social, em termos de legalidade, moradia e trabalho, os coloca numa posição de relativa marginalidade dentro da cidade de São Paulo. Além disso, a condição étnica acaba estabelecendo outras barreiras que os impede de estarem ao lado de outros trabalhadores em situações semelhantes, sejam brasileiros, migrantes ou não, sejam outros estrangeiros, como coreanos e africanos entre outros. Mas o simples reconhecimento de um pertencimento étnico boliviano, em que pese às diferenças internas entre as etnias aimará e quéchua, muitas vezes superadas em nome de uma unidade boliviana num país estrangeiro, não é o suficiente para a articulação de um grande número desses imigrantes. Não é mais possível, para eles, se sentirem juntos àqueles que praticam seus festejos e devoções na Praça Kantuta. Pode até ser que se desloquem à praça para comprar algum produto típico boliviano, ou algum ingrediente específico para suas comidas, mas acabam não se misturando, e muito menos se reconhecendo, como parte daquela gente. Os serviços comunitários, que anteriormente eram garantidos pela Pastoral do Migrante, passam a não fazer mais parte das possibilidades dos evangélicos pentecostais.

4. Bolivianos nos entre-lugares

Podemos perceber o que Homi Bhabha denomina de espaço intersticial (Bhabha, 1998), como um espaço criativo e de emergência de novidades, pois vai

fazer com que esse grupo busque suas alternativas na constituição de uma identidade própria. Essa, por sua vez, nunca pura, será uma identidade híbrida, na qual se entrelaçam inúmeros vetores. A partir de uma sensação de desorientação, busca-se um novo posicionamento através de um movimento exploratório incessante. É o momento de trânsito, um entre-lugar limiar, no qual são produzidas figuras complexas de diferença e identidade. Para Bhabha, “é na emergência dos interstícios (sobreposição e deslocamento de domínios da diferença) que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, interesse comunitário e valor cultural são negociados” (Bhabha, 1998, p. 19). Surge uma nova maneira de ser boliviano em São Paulo, uma maneira recortada por múltiplos fatores (estrangeiro, aimará ou quíchua, trabalhador em confecções etc.), mas que o religioso acaba servindo com o papel aglutinador.

Assim como o próprio Bhabha apontava, o trabalho nas fronteiras da cultura, nos entre-lugares, exige um encontro com o novo que não faça parte daquele passado e nem do presente numa espécie de continuidade (Bhabha, 1998, p. 27). É algo insurgente, que renova o passado refigurando-o e irrompendo a atuação do presente. Esses bolivianos pentecostais estão construindo, por entre as franjas culturais, uma nova maneira de ser e de sobreviver num mundo que passa a não ser mais estranho e nem ameaçador, um mundo construído por eles.

Os bolivianos em São Paulo sofrem pela falta de reconhecimento enquanto cidadãos e, como consequência, aquilo que Charles Taylor apontou como autodepreciação (1993, p. 45). Numa situação de multiculturalismo não se pode mais falar em uma política de igualdades a todos. É preciso buscar uma política das diferenças. Mas, infelizmente, isso ainda não chegou aos bolivianos. O reconhecimento que a sociedade mais ampla faz deles leva, de maneira geral, a um sentimento de incapacidade e reclusão. Não foram poucos os depoimentos em que esse sentimento se fez presente. De maneira geral, o mundo dos entrevistados acaba ficando restrito ao universo da igreja. Vejam o caso de um jovem que, junto com sua família dava pouco valor e atenção à religião em seu país de origem. Veio ao Brasil sozinho e em busca de sustento. Começou a trabalhar em oficinas de confecção, mas vivia confinado no próprio ambiente de trabalho. Aos poucos conheceu a Igreja Assembleia de Deus dos bolivianos e seu mundo mudou. Hoje, as principais atividades de lazer desse jovem estão vinculadas à Igreja. Aos fins de semana, passa a tarde liderando o grupo de

jovens e a noite participa do culto ou dos diversos eventos que ocorrem no local (festas, jantares, casamentos). Também ministra o grupo de coral e às vezes participa das coreografias do grupo de dança da igreja. Diz que nos primeiros momentos de Brasil sofria grande preconceito e humilhação, mas que hoje se sente feliz e nem pensa em retornar a seu país de origem. Porém, na narrativa de suas atividades, podemos perceber que essas se restringem ao âmbito da Igreja. O reconhecimento veio, afinal, não a partir de políticas públicas, mas da ação comunitária dos membros da Igreja.

Podemos compreender melhor esse processo através do processo denominado de identificação por Stuart Hall (1999, p. 39). Para esse autor jamaicano, o hibridismo não é comensurável por binarismos. Há aqueles que permanecem profundamente comprometidos com as práticas e valores tidos por tradicionais, muitas vezes de maneira reificada e rígida em seus traços diacríticos. É o que podemos perceber nas festas denominadas de festas típicas da Praça Kantuta. Outros, numa mesma situação de diáspora, adotam posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas (Hall, 2009, p. 72). Não são apenas estrangeiros, mas bolivianos, mas nem somente bolivianos e sim bolivianos-pentecostais. Há a tentativa de recuperação de uma pureza anterior, perdida no espaço longínquo de além da fronteira, denominado por Hall de *tradição*, e há, conjuntamente, o movimento da *tradução*. Para Haal, são “formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de suas terras natal” (Hall, 1999, p. 88). Essas pessoas são obrigadas a negociar com as novas culturas, sem perderem suas identidades originais completamente e sem serem totalmente assimiladas. São culturas híbridas desse momento pós-colonialista. Esses imigrantes não ficam mais a mercê de políticas de Estado, nem sob o controle de grupos que acreditam estar preservando seus traços culturais da maneira mais autêntica possível. Não, eles são os próprios artífices de sua história. Essa comunidade de bolivianos pentecostais não forma uma cultura unificada e nem homogênea. É no espaço fronteiro que a sociedade paulistana os jogou, com toda carga de discriminação daí advinda, que esses donos da construção de suas próprias identidades híbridas constituem um jeito específico de ser boliviano e pentecostal na diáspora.

Rivière, ao analisar o caso de igrejas pentecostais no altiplano boliviano, chama a atenção para o fato de que elas, assim como outras igrejas pentecostais,

possibilitam “la recomposición de identidades y de conciencias colectivas en poblaciones rurales y urbanas desestructuradas y carentes de raíces” (Rivière, 2007, p. 12). Assim também o é em São Paulo. Essa recomposição se dá num jogo de hibridações.

Como afirma Bettina Schmidt, “la mixtura cultural influye sobre la vida de los migrantes y también fomenta la creatividad cultural de la ciudad, el dinamismo creativo significa que la migración se relaciona siempre con un proceso de construcción y reconstrucción de identidades” (Schmidt, 2006, p. 80). Essa autora, ao procurar estudar o caso de cubanos, haitianos e outros caribenhos na cidade de Nova York, percebe a interação entre as culturas dos imigrantes e a da sociedade dominante. Há uma flexibilização e a composição cultural pode variar segundo a pressão da sociedade (Schmidt, p. 84). Afirma que para podermos criar uma imagem completa de uma cultura temos que integrar a noção de indivíduos criativos. Assim como no caso dos nossos atores pentecostais bolivianos, a cultura caribenha que se apresenta em Nova York demonstra um dinamismo cultural bastante alto. Não se trata de unidades homogêneas, produto de encontro de culturas, mas sim mesclas, rupturas e contradições, características próprias de culturas híbridas.

Considerações finais

Assim, longe de serem “escravos” explorados, alienados em seu próprio ser, esses bolivianos tecem seus próprios destinos. A origem cultural pode ser boliviana, mas sua composição varia a cada lugar, a cada situação e a cada pessoa que decide vivê-la. Num processo cultural rico e dinâmico, é preciso um olhar atento às mudanças para perceber o que está em constante movimento. Além do mais, esse deve ser um olhar de valorização sobre eles, não os tratando como sujeitos passivos de uma realidade massacrante (o que de certa maneira não está equivocado), mas como sujeitos atuantes e construtores de seus próprios seres.

No jogo das identidades, o conteúdo cultural que caracteriza um grupo étnico pode se caracterizar através dos sinais manifestos, que as pessoas exibem para demonstrar sua identidade, tais como vestuário e língua, e pelas orientações de valores fundamentais, como os padrões de moralidade pelo qual as ações são julgadas. No entanto, não há uma lista de elementos que

determinam a identidade dos grupos étnicos. Podem ser colocados conteúdos de formas e dimensões várias em diferentes sistemas socioculturais.

No caso dos bolivianos em São Paulo, percebemos esse movimento na medida em que diversos aspectos se contrapõem ao que fazem a maioria dos brasileiros, ao mesmo tempo em que se assemelham em muitos outros. Nesse jogo híbrido, surgem múltiplas identidades. Se em alguns momentos são apenas trabalhadores indocumentados, terceirizados e explorados, em outros, como é o caso do momento de pertencimento à Igreja, demonstram toda sua força e riqueza, fazendo-se presentes enquanto seres empoderados e plenos de direitos, pois assim reconhecem a justiça divina que não tardará.

A igreja torna-se um ponto essencial na vida dessas pessoas, pois não é apenas um local de atividade religiosa, mas um local aglutinador de identidades e sociabilidades.

Referências bibliográficas

- BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOSSÉ, Mathias L. As questões de identidade em Geografia Cultural – Algumas concepções contemporâneas. In: ROSENDAHL, Zeny & CORREA, Roberto L. (Orgs.). *Paisagens, Textos e Identidade*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. *Novas Comunidades Católicas*. Em busca do espaço pós-moderno. Aparecida/SP: Ideias e Letras, 2009.
- CYMBALISTA, Renato e XAVIER, Iara R. A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. *Cadernos Metrópole*, 17, 1º semestre 2007, pp. 119-133.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- MELTON, Gordon and HOLLAND, Clifton L. *Religion in Bolivia*. 2009. Disponível em: <www.prolades.com/encyclopedia/countries/english/bolivia_religion_2009.pdf>. Acesso em: 02/10/2013.
- RIVIÈRE, Gilles. Bolivia: el pentecostalismo en la sociedad aimara del Altiplano. *Revista Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Junho de 2007. Disponível em: <nuevomundo.revues.org/6661>. Acesso em: 15/10/2010.
- SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec. 1996.
- SCHMIDT, Bettina. El dinamismo creativo de La hibridación: migrantes del Caribe en Nueva York. In: WEHR, Ingrid (ed.). *Un continente en movimiento*.

Migraciones en América Latina. Madrid; Frankfurt, Iberoamericana; Vervuert, 2006.

SILVA, Sidney Antonio da. *Virgem/Mãe/Terra*. Festas e tradições bolivianas na metrópole. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2003.

_____. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. In: *Revista de Estudos Avançados da USP – Dossiê Migrações*. São Paulo, vol. 20, n. 57 – Maio/Agosto, 2006.

TAYLOR, Charles. *El multiculturalismo y “La política del reconocimiento”*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1993.

¹ A pesquisa foi parcialmente financiada pela IWGIA - The International Work Group Indigenous Affair e contou com a colaboração das alunas de iniciação científica Carla Ramirez, Marina de Mello e Thilá Nascimento, todas com bolsa PIBIC-FAPCEPE da PUC-SP e do auxiliar de pesquisa Valdson Fraga (geógrafo) bolsista IWGIA.

² Kantuta é o nome de uma flor típica do altiplano andino. O nome foi atribuído a uma praça no bairro do Pari em 2002 e oficializado pela Prefeitura de São Paulo em 2003 onde os bolivianos estavam acostumados a se reunir. Até hoje funciona, aos domingos, uma feira tradicional promovida pela Associação Gastronômica Cultural Folclórica Boliviana Padre Bento.

³ Dados do Consulado Geral da Bolívia em São Paulo, e do Centro de Estudos Migratórios, setembro de 2013.

Recebido em 23/04/2015, revisado em 07/05/2015, aceito para publicação em 01/06/2015.